



VERSÃO 0.3

Manifesto Kardum

Música, arte, ideias e encontros.

O Kardum nasceu do encontro.

Da presença de pessoas diferentes em um mesmo espaço. Da música, das imagens, das ideias e das conversas que surgem quando alguém se dispõe a escutar o mundo a partir de outro ponto de vista.

O Festival foi o primeiro lugar desse encontro. Foi onde começamos a compreender que certas questões não se esclarecem apenas pela explicação. Algumas precisam ser vividas. Precisam atravessar o corpo, encontrar uma linguagem, provocar uma conversa e permanecer conosco depois que a programação termina.

É dessa experiência que partimos.

Não temos uma definição suficiente para o tempo em que vivemos. As mudanças chegam em ritmos diferentes, distribuem suas consequências de maneira desigual e frequentemente nos alcançam antes que tenhamos palavras para compreendê-las.

Elas aparecem na forma como trabalhamos e nos relacionamos; na tecnologia que reorganiza hábitos e poderes; nas cidades que enfrentam um clima para o qual não foram preparadas; nas disputas por território, identidade e pertencimento; nas maneiras de criar, consumir, lembrar e imaginar a vida.

Algumas mudanças anunciam possibilidades. Outras aprofundam desigualdades antigas. Muitas fazem as duas coisas ao mesmo tempo.

Diante delas, é tentador escolher entre o entusiasmo apressado e o medo paralisante. Também é tentador procurar uma resposta simples, uma previsão segura ou uma solução capaz de encerrar a conversa.

O Kardum escolhe outro caminho: criar tempo e espaço para prestar atenção.

Prestar atenção não é observar de longe. É reconhecer que fazemos parte daquilo que tentamos compreender. É perguntar quem participa das escolhas, quem recebe seus benefícios, quem suporta suas consequências e quais formas de vida podem desaparecer no percurso.

É aceitar que nenhuma perspectiva, isoladamente, dará conta do que está em jogo.

Por isso, escolhemos a cultura.

Não porque a cultura resolva sozinha os conflitos do nosso tempo. Nem porque a arte deva oferecer respostas para perguntas que pertencem também à ciência, à política, à educação, à economia e à vida cotidiana.

A cultura faz outra coisa.

Uma canção pode aproximar uma experiência que os números não alcançam. Um filme pode tornar visível um conflito mantido à distância. Uma fotografia pode interromper o hábito de não ver. A literatura pode deslocar nossas certezas. Uma presença em cena pode devolver corpo e consequência ao que parecia abstrato.

A arte não substitui o conhecimento. Ela altera nossa relação com aquilo que pensamos saber.

Quando diferentes linguagens dividem o mesmo espaço, uma questão deixa de ser apenas um assunto. Ganha voz, ritmo, tensão, memória e contradição. Pode ser percebida por caminhos diversos e compartilhada entre pessoas que não chegaram ali pelas mesmas razões.

É nesse sentido que a cultura nos interessa: como experiência capaz de ampliar a percepção, sustentar perguntas difíceis e criar condições para o encontro.

Entre essas perguntas, três acompanham nossa trajetória:

Com quem vamos viver?

Onde ainda será possível viver?

Do que vamos viver?

Elas não formam um programa fechado. São maneiras de aproximar dimensões que frequentemente tratamos de forma separada.

Com quem vamos viver é uma pergunta sobre comunidade, diferença, identidade, tecnologia, poder e convivência.

Onde ainda será possível viver é uma pergunta sobre clima, território, cidade, biodiversidade, deslocamento e cuidado.

Do que vamos viver é uma pergunta sobre trabalho, renda, criação, conhecimento, autoria e distribuição de oportunidades.

Nenhuma delas pertence exclusivamente ao futuro. Todas já estão presentes nas escolhas que fazemos, nas relações que mantemos e nas condições que aceitamos como inevitáveis.

Também não pertencem a uma única geração.

As gerações Z e Alfa terão de conviver por mais tempo com muitas das decisões tomadas agora. Mas não queremos falar apenas sobre elas, representá-las de longe ou convocá-las quando tudo já estiver definido.

Queremos criar condições para sua participação, autoria e discordância.

Ao mesmo tempo, sabemos que nenhuma geração começa do zero. O presente é feito de experiências transmitidas, recusadas, transformadas ou esquecidas. Por isso, o encontro entre idades, territórios e conhecimentos diferentes não é um gesto de conciliação superficial. É parte do trabalho necessário para compreender onde estamos.

Diferença não é ornamento. Participação não é presença contabilizada. Escuta não é concordância.

Construir em comum exige disposição para rever posições, reconhecer conflitos e admitir que interesses distintos atravessam qualquer conversa sobre sociedade, ambiente e economia.

O Kardum não pretende eliminar essas diferenças. Quer criar situações em que possam aparecer com honestidade, contexto e respeito.

Isso também orienta nossa ideia de comunidade.

Comunidade não é um número acumulado ao redor de uma marca. Não é uma audiência chamada a confirmar aquilo que já decidimos. Comunidade é vínculo construído no tempo. É presença, confiança, memória e responsabilidade.

É a possibilidade de voltar a uma pergunta e perceber que algo mudou — no mundo, no outro ou em nós mesmos.

Nossa memória faz parte desse compromisso.

O que vivemos em 2018, 2019 e 2024 não é apenas uma sequência de edições anteriores. Cada encontro deixou imagens, falas, relações, aprendizados e questões que ainda podem produzir sentido.

Preservar essa trajetória não significa idealizá-la. Significa reconhecer o que ela tornou possível, o que permaneceu incompleto e o que precisa ser reconsiderado.

*Não começamos novamente a cada projeto.
Continuamos, interrompemos, aprendemos,
esquecemos e retomamos. Uma instituição viva
também é feita dessas descontinuidades.*

O Festival permanece como origem, memória e principal expressão da experiência Kardum. É onde música, arte, pensamento e presença podem convergir em maior intensidade. Mas o que nasce ali pode seguir outros caminhos: projetos, conteúdos, formações, parcerias, arquivos e novos encontros.

Nem tudo precisa se tornar produto. Nem toda presença precisa prometer impacto. Algumas experiências importam porque abrem uma percepção, preservam uma memória, fortalecem uma relação ou permitem formular melhor uma pergunta.

Isso não nos dispensa de responsabilidade. Ao contrário.

Queremos ser cuidadosos com as pessoas que convidamos, com os territórios em que entramos, com os conhecimentos que compartilhamos, com as imagens que preservamos e com os recursos que tornam cada realização possível.

Queremos reconhecer autorias e contribuições. Tornar visíveis as relações que sustentam o trabalho. Distinguir intenção de resultado. Não prometer o que ainda não podemos demonstrar.

Partimos do Brasil e das realidades que nos atravessam.

Dialogar com outros lugares não significa procurar modelos prontos para importar. Uma experiência distante só se torna relevante quando encontra as condições do território: suas culturas, desigualdades, memórias e possibilidades.

O mundo amplia nossa perspectiva. O território nos devolve responsabilidade.

Não sabemos exatamente quais futuros estão sendo formados agora. Desconfiamos de quem afirma sabê-lo com segurança.

Sabemos, porém, que o modo como percebemos o presente influencia as escolhas que conseguimos imaginar. E que essas escolhas se tornam mais estreitas quando faltam memória, diversidade de perspectivas, liberdade de criação e espaços de encontro.

Talvez uma experiência cultural não mude, sozinha, o curso das coisas.

Mas ela pode mudar a maneira como percebemos o que está diante de nós. Pode aproximar uma realidade antes distante, revelar uma pergunta esquecida, criar uma relação inesperada ou tornar menos confortável uma certeza.

Às vezes, isso é o começo de uma escolha.

É nesse espaço — entre perceber, encontrar e participar — que o Kardum deseja continuar existindo.

Não como proprietário das respostas.

Como parte da conversa.

Kardum.

Música, arte, ideias e encontros.